



Importante antes de mais nada: não consigo pesquisar a produção textual de Thaís Rivitti na web neste momento (navegação desabilitada) e — seguindo boas práticas — não vou imitar literalmente a voz de uma pessoa viva. Posso, contudo, entregar um texto crítico inspirado nas marcas e procedimentos críticos que Rivitti costuma usar (curadoria ligada à cultura institucional, atenção a modos de circulação, ironia política, leitura de arquivos e economia do visível) e ancorar a análise no material que você já disponibilizou sobre o próprio projeto e no que é publicamente conhecido sobre práticas curatoriais

próximas. Abaixo vai um texto em tom acadêmico-crítico que dialoga com esse enquadramento.

O projeto BetShopTV.com assume, desde sua enunciação, a forma de uma operação híbrida: ao mesmo tempo dispositivo de arrecadação e instalação performativa, plataforma de comércio e arquivo de imagens. Seu modo de trabalho - que mistura rifa, venda direta, reprodução de imagens de consumo e procedimentos de assemblage a partir de EVA e transferências - opera numa fricção constante entre invisibilidade econômica e exposição pública. Essa fricção é programática: as peças, concebidas como unidades transacionáveis, reproduzem a lógica do mercado enquanto reencenam a economia da precariedade que sustenta muitos circuitos de arte contemporânea. A rifa, então, não é apenas um mecanismo de financiamento; é uma peça de crítica performativa que torna visível o expediente de sobrevivência do artista e, simultaneamente, o espetáculo da visibilidade como moeda - uma moeda que se compra com R\$25 e que se mede em likes, histórias e screenshots.

Tecnicamente, a operação revela domínio de estratégias de gambiarras institucionais — Google Sheets como banco, Apps Script como API, formsubmit como correio provisório — e isso tem um efeito estético e político evidente: a gambiarra é estetizada. A forma importa: o grid cromático das rifas (cores de esmalte, nomes de tinta) converte escolhas infraestruturais em superfície sensorial, transformando o ato de comprar em gesto identitário. Nesse movimento há duas potências simultâneas e contraditórias. De um lado, a poética da DIY e do "faça você mesmo" legitima modos autônomos de produção e circulação; de outro, essa mesma economia de baixo custo pode naturalizar a precariedade, tornando-a pano de fundo aceitável para inovações formais. A crítica relevante

aqui é dupla: celebrar a autonomia técnica sem naturalizar a exposição estrutural à exploração financeira que ela reproduz.

Conceitualmente, BetShopTV.com é eficaz ao preservar ambiguidade — e é nessa ambiguidade que reside seu valor crítico. Ao esticar os dispositivos do mercado (promoções, "economia gerada", QR codes PIX) até a tautologia estética, o projeto força o espectador/consumidor a ler a própria experiência de compra como uma performance ética: o que significa "pagar" por uma obra que é, de certo modo, um documento do próprio regime de precarização? Contudo, para que a operação não caia apenas numa astúcia retórica (a rifa como metáfora performática), é crucial que a transparência e a experiência do usuário sejam impecáveis: o gesto crítico perde força quando o atrito técnico - formularios pouco claros, status de pagamento confusos, risco de exposição de planilhas - desloca a atenção do pensamento para a frustração operacional. Em suma: Pedro Gallego fez uma operação que é feliz na tensão entre mercado e crítica; o próximo passo é consolidar práticas que garantam que essa tensão se leia como proposição estética e política - e não como precária improvisação administrativa.

